



UM MUNDO DE SILÊNCIO E CONFUSÃO: DESAFIOS E SURPRESAS NA RELAÇÃO ENSINO APRENDIZAGEM EM SALAS INCLUSIVAS.

Eixo-temático: Educação escolar e diversidade

Elislaury Flôres Lima

Graduanda em Biologia licenciatura-Universidade Federal de Alagoas-UFAL

agoodsong@gmail.com

Resumo: O presente trabalho tem por objetivo apresentar o relato sobre a experiência de estágio desenvolvida nos primeiros, segundos e terceiros anos do Ensino Médio noturno da Escola Estadual Adriano Jorge, a qual se localiza no município de Arapiraca/AL, sendo a mesma uma escola que contempla as necessidades especiais dos alunos que a frequentam. Dentre as turmas anteriormente citadas duas são inclusivas. A metodologia do trabalho foi concebida em um processo de pesquisa-ação, e gerada a partir de práticas pedagógicas desenvolvidas por intermédio das observações do fator ensino-aprendizagem nas turmas inclusivas do ensino médio noturno. O contexto da pesquisa se configurou em um importante processo de reflexão, e com base na experiência, constatamos que o auxílio do interprete de libras é um elemento de fundamental importância para o processo de ensino e de aprendizagem com pessoas surdas. No entanto as melhores observações em sala de aula foram tomadas na ausência deste. Momento em foi necessário desenvolver contato direto com os estudantes da turma, mesmo sem ter o elo de ligação, representado pelo interprete. Com isso verificou-se a necessidade do domínio das libras pelos professores que trabalham nesse contexto e da utilização de outros recursos para que haja uma melhor interação com os estudantes surdos.

Palavras-chave: Surdez, Inclusão, Aprendizagem.

1 – INTRODUÇÃO

Em todo o mundo a partir da década de 1990, foi expandida com grande força a ideia de uma política educacional de inclusão de pessoas com necessidades educativas especiais, dando início a um desprestígio dos programas de educação especial e de um incentivo maior as práticas de inclusão de pessoas surdas em escolas regulares (Lacerda, 2006).

Na mesma década, estudiosos brasileiros como Silveira Bueno (1994), Massota (1996) e Sasaki (1997) e estrangeiros como Bunch (1994), Cohen (1994) e Kirchner (1994), entre outros, argumentam que todos os alunos devem ter as mesmas oportunidades de frequentar classes regulares próximas à sua moradia, defendem a necessidade de um programa



educacional adequado às capacidades dos diferentes alunos, e que promova desafios a todas as crianças atendidas. Destacam também a importância de oferecimento de suporte e assistência às crianças com necessidades especiais e aos professores, para que o atendimento seja o melhor possível.

A partir daí, houve o início de um questionamento que dura até hoje, será que as escolas regulares estão prontas para receber os alunos surdos? Uma série de medidas para tornar as escolas regulares em escolas inclusivas começou a ser tomadas. Com esse conhecimento presente, a linguagem de sinais foi adotada também na escola regular com o auxílio do intérprete de libras, o qual se constitui um elo entre, professor ouvinte e aluno surdo.

Muitos estudos apontam que a educação de pessoas surdas é um tema bastante preocupante e pesquisas desenvolvidas no Brasil e no exterior, apontam um número significativo de surdos que passaram por vários anos de escolarização e apresentam competência para aspectos acadêmicos muito aquém do desempenho de alunos ouvintes. (Lacerda, 2006) e segundo (Góes, 1996), os sujeitos surdos pela defasagem auditiva enfrentam dificuldades para entrar em contato com a língua do grupo social no qual estão inseridos.

Nessa direção, o presente trabalho abrange um aspecto de uma escola singular, onde a inclusão é estabelecida de forma séria, com isso os resultados de aprendizagem dos surdos podem superar, o de alunos regulares como é o caso das observações percorridas mais adiante.

É importante ressaltar os pontos positivos das observações explanadas por se tratar de atos que podem servir de exemplo e inspiração para outras escolas que estejam também inseridas no mundo da inclusão.

2 - DESENVOLVIMENTO

Muitas escolas são chamadas inclusivas por aceitarem alunos com necessidades especiais de aprendizagem, a qualidade do sistema de inclusão escolar vai depender do quanto se trabalha para melhorá-lo. Portanto, Laplane (2004), afirma que:

O “elogio da inclusão” apresenta a vantagem de arrolar argumentos para a defesa das políticas inclusivas. Mas para que seja realmente eficaz é preciso



que o discurso se feche sobre si próprio, aparecendo como uma totalidade que não admite questionamentos. (LAPLANE: 2004, p. 17-18)

Levando em consideração todos os desafios de se tornar uma escola inclusiva uma palavra na citação chama a atenção especial pra o proposto no presente trabalho: “*Eficaz*”. Produzir um sistema *Eficaz* de inclusão é algo que vem sendo estudado por diversos pensadores e estudiosos há duas décadas e meia, pensando em como tirar o melhor dessa experiência para os alunos incluídos no contexto regular.

O trabalho de construir esse sistema, não está apenas nas mãos da gestão escolar, é papel também dos professores, alunos e interprete criar um ambiente acolhedor de amizade, aprendizado e bem-estar para esses sujeitos, como também é de fundamental importância o fortalecimento de políticas públicas que estejam voltadas para um amplo processo de inclusão, estimulando assim seu desejo de frequentar a escola e de aprender.

Já a se tratar dos recursos, no entanto, na maior parte das escolas inclusivas, segundo pesquisas, existe uma fragilidade das propostas de inclusão, que contradiz a realidade educacional brasileira, caracterizada por classes superlotadas, instalações físicas insuficientes, quadros docentes cuja formação deixa a desejar. A existência do sistema educacional põe em questão a própria ideia de inclusão como política que, simplesmente, propõe a inserção dos alunos nos contextos escolares presentes, (Laplane, 2004). Porém, não garante as condições de acessibilidade e inserção qualitativa desses sujeitos.

Apesar de essa ser uma realidade em grande parte das escolas inclusivas no país, veremos que na escola estudada a seguir foram tomadas medidas simples que ampliaram o processo de inclusão, e tem feito a diferença para muitos alunos ouvintes e surdos, que levaram essas experiências no decorrer de sua vida.

1- Caracterização da escola onde foram feitas as observações

A Escola Adriano Jorge é a primeira escola pública do município de Arapiraca, com 75 anos de história, e tem contribuído para a formação dos cidadãos, muitos desses que hoje são políticos, médicos, professores, advogados entre outros.

Tudo começou quando os moradores da cidade, já emancipada, começaram a lutar para conseguir uma escola oficial e foi na então gestão do governador Osman Loureiro, que



sentindo a grande necessidade do povo aprovou a construção de um grupo escolar no município.

Em meados de 1939 no terreno doado pelo Senhor Francolino José de França, que também estava incomodado pelo fato de seu filho não ter onde estudar dentro da própria cidade, é que foi lançada a pedra fundamental da construção, vindo a ser inaugurado em 1940. (Guedes, 1999).

Hoje a escola é bem organizada graças a uma atual gestão, a qual está comprometida com o trabalho e disposta a continuar uma luta que não foi totalmente vencida em 1940, mas está presente nos dias de hoje, uma luta que visa sempre à busca por melhores condições para o ensino, sempre havendo uma troca entre a escola e a comunidade. Nesse sentido, a escola tem recebido muitos prêmios nacionais e municipais, e o principal deles foi o premio Gestão Escolar do conselho Nacional de secretários da Educação –Consed da União Nacional de Dirigentes Municipais de Educação- Undime da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência, e a Cultura- Unesco e a Fundação Roberto Marinho- FRM .

No âmbito da educação inclusiva, essa comunidade escolar vem sendo bem vista pela comunidade ao adotar uma política inclusiva, tanto que nos dias de matrícula é extremamente concorrida tanto por surdos como por ouvintes, exemplificando bem o que diz Oliveira:

Uma instituição educacional com orientação inclusiva é aquela que se preocupa com a modificação da estrutura, do funcionamento e da resposta educativa que se deve dar a todas as diferenças individuais, inclusive às associadas a alguma deficiência em qualquer instituição de ensino, e em todos os níveis de ensino (OLIVEIRA: 2012 p. 95).

No entanto, ao se tratar de burocracia nada é fácil, mesmo com recursos destinados a políticas inclusivas no contexto das escolas públicas, faz-se necessário buscar informação constante sobre o que há de novo em relação a projetos e verbas, e ter também uma gestão comprometida com a mudança para lutar por fundos e meios que a tornam possível.

Apontamentos sobre as salas inclusivas: o que é mais importante?

Discorrendo especificamente sobre a escola Adriano Jorge, destaca-se que a mesma conta com dois interpretes de libras e alguns alunos ouvintes que conhecem essa linguagem e dão apoio, amizade e acolhimento aos estudantes surdos.



Além do conselho escolar, os vários encontros diários na sala dos professores não deixam de ser pequenas reuniões de conselho, pois ali são tratadas questões sobre a educação especial. Nesse contexto, as ideias surgem a respeito de problemas vividos e soluções são postas em prática a partir da troca de experiências destes encontros informais. Cada espaço da escola emana o bem estar dos alunos e sua evolução como educandos, desde a estrutura que vem sendo melhorada a cada dia, devido às constantes lutas da gestão escolar por recursos públicos, até a maneira como recebem e atendem os alunos, conhecendo-os e agindo de forma parceira a gestão, os professores e os estudantes conseguem estabelecer esse ambiente agradável na escola.

Esse diferencial entra na sala e compõe uma maneira especial para assimilação dos conteúdos, especialmente nas aulas de biologia onde o professor sempre age de forma a mater um bom relacionamento de amizade e descontração com os alunos, usando isso a seu favor para manter um bom comportamento em aula e com isso um ambiente que seja suscetível a aprendizagem. Como afirma Carvalho (2012):

Propor um ambiente de aprendizagem não diretivo, dando liberdade intelectual para os alunos pensarem e argumentarem, tanto desenvolve como facilita a construção, a representação e a avaliação do conhecimento e dos métodos investigativos pelos estudantes. (CARVALHO: 2012, p.20)

Desafios da educação inclusiva: limites e possibilidades

Ao se tratar de turmas noturnas é importante levar em consideração as dificuldades singulares dos estudantes do turno da noite e as condições em que estão submetidos. Destaca-se que em sua maioria, são alunos com responsabilidades familiares, que trabalham durante todo o dia e/ou que não tem oportunidade de inclusão em outros horários e acabam por ocupar seu dia e estudar a noite.

Na escola em que foi desenvolvida a prática, assim como em muitas outras, essas questões são uma realidade que muitas vezes surgem como desafio ao aprendizado, as idades também são muito variadas entre os alunos, contendo alunos de 16 anos que estão começando a vida como adolescente, com outros de 50 e poucos anos, os quais já são avós. E apesar de não se tratar de um Ensino de jovens e adultos-EJA, essa faixa etária de grande diferença e os inumeros estilos de vida devem sempre ser levados em consideração pelo professor e interprete de libras pra que possam equilibrar tudo isso na hora de planejar as atividades pedagógicas.



Levando em consideração todos esses fatos, uma das maiores queixas na escola, e quando digo escola me refiro aos estudantes do turno da noite em geral é o de: *não tem tempo para estudar, do cansaço físico e mental durante à noite depois de um dia cheio e atribulado*, essas questões são geralmente um motivo de desestímulo dos alunos para frequentar as aulas onde, apesar da escola está localizada no centro da cidade e contar com uma boa estrutura física, pedagógica e uma ótima gestão, ainda não é o suficiente para que os (em média) 40 alunos matriculados em cada turma sejam assíduos.

Na realidade a assiduidade é um grande problema nas turmas noturnas, das oito turmas de ensino médio em que contemplou-se as observações durante o período de estágio, com aulas as segundas, terças, quartas e sextas, a frequência média das turmas era entre 8 e 18 alunos, existindo momentos pontuais em que as aulas foram ministradas apenas a 4 e 6 alunos nas turmas com menor frequência, esse é um dos desafios que a escola tenta superar. Porém, muitos alunos afirmaram que as sextas feiras só iam por causa do professor, por que gostavam dele, uma técnica muito usada pelo professor era passar trabalhos toda sexta-feira, que estimulava os alunos a irem por que não precisariam prestar tanta atenção nos conteúdos. De acordo com Charnay,

[...] só há problema se o aluno percebe uma dificuldade; uma determinada. Situação —provoca problema para um determinado aluno pode ser resolvida imediatamente por outro (e então não será percebida por este último como sendo um problema). Há então, uma idéia de obstáculo a ser superado. Por fim, o meio é um elemento do problema, particularmente as condições didáticas da resolução (organização da aula, intercâmbio, expectativas explícitas ou implícitas do professor (CHARNAY, 1996, p.46).

Já em relação aos alunos surdos que apresentam também dificuldades, constata-se que são mais assíduos e participativos nos trabalhos. Porém os estímulos valem pra os dois tipos de alunos e geralmente a resposta positiva também vem dos dois lados.

Aluno, interprete e professor: relações indissociáveis

A oportunidade de ter um interprete em sala é essencial, seria impossível ou quase inviável ao professor dar aula sem esse auxílio deste profissional. No entanto a cumplicidade



entre interprete e professor é de essencial importância para que tanto alunos surdos quando ouvintes possam assimilar o conhecimento, trocas de olhares mostram se o aluno está ou não captando o que está sendo exposto.

Outro aspecto importante, é sempre pedir o feedback para o interprete, perguntar se deve ir mais rápido ou devagar, ajuda na transmissão e tradução simultânea dos conhecimentos, é importante também na inclusão que o professor faça perguntas não apenas aos ouvintes, mas também aos surdos, visto que na maioria se não em todos os currículos de licenciatura conta-se com a disciplina de libras. Sinais simples são obrigatórios para que o professor interaja pessoalmente com esses alunos, mesmos que não trace conversas extensas. Como afirma Lacerda :

O intérprete participa das atividades, procurando dar acesso aos conhecimentos e isso se faz com tradução, mas também com sugestões, exemplos e muitas outras formas de interação inerentes ao contato cotidiano com o aluno surdo em sala de aula. Todavia, se este papel não estiver claro para o próprio intérprete, professores, alunos e aluno surdo, o trabalho torna-se pouco produtivo, pois se desenvolver de forma insegura, com desconfiança, desconforto e superposições. (LACERDA, 2006, p. 174)

Os alunos ouvintes já familiarizados com os alunos surdos, seja eles conhecedores ou não da linguagem utilizada, também podem contribuir para o bom entendimento dos conteúdos ministrados, a amizade é parte essencial da inclusão e em entrevista a alunos surdos e ouvintes provou ser um fator produtivo nessa escola.

MATERIAIS E METODOS: surpresas que estimulam a criatividade.

O professor deve estar preparado para eventuais surpresas que podem ocorrer no cotidiano da sala de aula, como por exemplo, em um dado momento das observações de estágio surgiu à inesperada falta do interprete, e então levantou-se a dúvida de como ministrar uma aula sem ele. Segundo Polya, apud Krulik e Reys, 1997, p.02.

“Resolver problema é da própria natureza humana. Podemos caracterizar o homem como - animal que resolve problemas-; seus dias são preenchidos com aspirações não imediatamente alcançáveis.”

Com isso o desafio da criatividade foi posto a prova para resolver o dado problema. Recorro à área da biologia na qual existem muitos meios disponíveis para o ensino, como



filmes, desenhos, ilustrações e modelos didáticos. A prática se deu a partir daí, com a ajuda de uma aluna fluente em libras e o auxílio de desenhos e ilustrações, movimentos corporais, uso de sinais simples em libras pela professora e modelos didáticos improvisados.

A aula transcorreu dinâmica e cheia de participação, tanto por parte dos ouvintes como dos surdos. E isso decorreu pelo fato de que no decorrer desta apresentação expositiva foram feitas perguntas em libras através de sinais simples pela professora e as dúvidas eram esclarecidas com o auxílio da aluna fluente e dos desenhos e da leitura labial.

3 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

É importante resaltar que, sem participar do mundo (de confusão) dos sons, os estudantes inclusivos estão envolvidos apenas no mundo em que eles decidem dar atenção, neste caso, o da matéria que estava sendo ensinada, enquanto os ouvintes faziam barulho, e se dispersavam a ponto de ter que ser repetido várias vezes o conteúdo já antes ministrado.

Outra questão que leva muitos ouvintes a se dispersarem e justificarem essa dispersão durante as aulas expositivas, é o fato de sempre incluírem o cansaço diário como justificativa de não acompanharem os conteúdos.

Devemos levar em consideração que cada ser humano exerce influências sobre seu próprio desenvolvimento, levando a ter ou não capacidade de realizar alguma ação, vemos muitos exemplos de pessoas “perfeitas”, no sentido físico, que simplesmente ficam em casa e não produzem nada intelectual ou fisicamente. Em contrapartida temos como exemplo de pessoas “especiais” no sentido ambíguo da palavra os paratletas que com sua força de vontade desenvolveram uma habilidade, que hoje lhes traz felicidade e muitos prêmios de reconhecimento para eles próprios, suas famílias e seu país, o que faz a diferença para eles mesmos e para o mundo.

É visto que, esses atletas físicos são exemplo de superação e força de vontade, muitos deles poderiam simplesmente se justificar por sua deficiência física, em vez de ir em frente e fazer a diferença. Comparando com a escola estuda, podemos notar que o desânimo associado por vezes a falta de tempo, a mente cheia e atribulada, está mais prevalente nos alunos ouvintes, já os surdos são mais atentos, e mais assíduos. Podemos também questionar se talvez em dado momento esse desânimo associada ao cansaço físico e mental na verdade não



seria uma associação de substituição à falta de esperança em si mesmo, ou ao desconhecimento de sua capacidade extraordinária como discente?

Assim, entendemos que a biologia tem muito nomes científicos e complexos, e muitos alunos ouvintes no início da aula não acreditavam ser capazes de compreender tanta informação, porém, com criatividade e empenho no fim de aula, foi-lhes mostrado que todos poderiam conseguir aprender se assim decidirem e depois que o problema é resolvido ele deixa de ser um problema como afirma (Reys 1997).

É essencial que o professor use todos os seus para compreender as necessidades de turmas inclusivas e com sua criatividade estimular todos os estudantes e fazer com que provem o quanto podem ser bons se acreditem em si mesmos.

. Notou-se também, sem dúvida a importância da dedicação especial do professor as libras em sua formação, situações como essas podem aparecer e há muito meios de se resolver, porém as libras são de essencial importância no processo, não só de transmissão do conhecimento mais também, na transmissão dos valores e significados, e do comprometimento com o aluno.

Concordando com as afirmativas, aqui discorrido Redondo e Carvalho (2001, p.31) afirmam que:

Precisamos abordar o desenvolvimento da linguagem de uma criança surda em toda sua variedade e em todas suas possibilidades, dando um papel significativo às funções comunicativas que ela realiza com suas próprias expressões e ao vínculo comunicativo que ela estabelece com o outro (adulto ou criança).

Ou seja, a comunicação oral, escrita ou através de imagens, não são simplesmente linguagens, são formas de se relacionar e de construir com isso um relacionamento de segurança e confiança essencial entre professor e aluno.

Assim como já se é sabido os surdos tem suas dificuldades, ao inserir seu mundo de silêncio num mundo de confusão marcante, e os ouvintes também apresentam suas limitações, no entanto, para evoluirmos como seres humanos, é necessário que superemos os obstáculos impostas pelas condições em que somos submetidos tanto para agir como para receber a ação, fato que foi marcadamente contemplado na experiência aqui relatada.

Essa experiência de estágio nos mostra que é possível e também bastante complexo exercer a profissão de professor em salas inclusivas, o papel de estabelecer uma boa interação



entre alunos surdos e ouvintes com os conteúdos ministrados é por vezes desafiador. Porém é possível encontrar motivação e estímulo através da observação de cada pequena conquista alcançada como, por exemplo, a de alunos felizes ao encontrarem sua capacidade de aprender e ser em salas inclusivas.

REFERÊNCIAS

BUNCH, G. **An interpretation of full inclusion**. American Annals of the Deaf, Washinton, DC, v. 139, n. 2, p. 150-152, 1994.

CARVALHO, Anna Maria Pessoa de. **Os estágios nos cursos de Licenciatura**. São Paulo: Cengage Learning, 2012. P. 9-27.

COHEN, O.P. **An administrator's view in inclusion for deaf children**. American Annals of the Deaf, Washington, DC, v. 139, n. 2, p. 159-161, 1994.

GÓES, M.C.R. **Linguagem, surdez e educação**. Campinas: Autores Associados, 1996.
KIRCHNER, C.J. Co-enrolment as an inclusion model. American Annals of the Deaf, Washington, DC, v. 139, n. 2, p. 163-164, 1994.

GUEDES, Z. **Arapiraca Através do tempo**. 1999.

LACERDA, C. B.F. **A inclusão escolar de alunos surdos: o que dizem alunos, professores e intérpretes sobre esta experiência**, 2006.

LAPLANE, A.L.F. **Notas para uma análise dos discursos sobre inclusão escolar**. In: GÓES, M.C.R.; LAPLANE, A.L.F. (Org.). Políticas e práticas de educação inclusiva. Campinas: Autores Associados, 2004. p. 5-20.

MAZZOTA, M.J.S. **Educação especial no Brasil: história e políticas**. São Paulo: Cortez, 1996.

OLIVEIRA, F.B. **Desafios na inclusão dos surdos e o intérprete Mandagua**, 2012 95p.

POLYA, G. **A arte de resolver problemas**. Rio de Janeiro: Interciência, 2006.

REDONDO, M.C. da F. e CARVALHO, J.M. **Cadernos TV Escola**.

Deficiência Auditiva. Brasília: MEC. Secretaria de Educação à Distância, 2001.

REYS, R.E; KRULIK, S. **A resolução de problemas na matemática escolar**. São Paulo: Atual, 1997.



SASSAKI, R.K. **Inclusão: construindo uma sociedade para todos**. Rio de Janeiro: WVA, 1997.

SILVEIRA BUENO, J.G. **A educação do deficiente auditivo no Brasil**. In: TENDENCIAS e desafios da educação especial. Brasília, DF: SEESP, 1994.